

DISCURSO PROFERIDO POR OCASIÃO DA FORMATURA DA TURMA DE ENFERMAGEM/84/2

*Nádia Mora Kuplich**

O que significa tornar-se um profissional de Saúde em um País onde a saúde há muito tempo está esquecida, onde é muito mais importante tratar dados estatísticos ao invés de pessoas e onde a assistência à saúde transformou-se em um mercado ao qual só tem acesso aqueles que podem pagar?

Os órgãos governamentais que definem a Política da Saúde estabelecem prazos e verbas totalmente inadequadas a nossa realidade, dessa forma a ênfase não é dada à promoção da saúde, e sim a mera manutenção da capacidade produtiva do indivíduo.

E o que significa concluir um Curso Superior em uma Universidade na qual a confusão é geral, a infraestrutura é escassa, assim como as verbas destinadas a seu sustento? Como nos sentimos em um curso onde há pula-pula em campos de estágios e um currículo que constantemente sofre modificações, onde a departamentalização fragmenta as turmas de alunos e os próprios professores, os quais se tornam concorrentes em vários minicursos que não conseguem se integrar?

Por quê dentre tantos profissionais existentes na Escola de Enfermagem apenas três nomes foram escolhidos como homenageados? Outros professores contribuíram para nossa formação e a decisão foi difícil. Contudo nesses três escolhidos encontramos atributos importantes dentro de nossa profissão como, a assistência de enfermagem propriamente dita, a dedicação à pesquisa e a luta pelo fortalecimento de nossos órgãos de classe. Recordando a enfermeira Wanda Horta as funções do Enfermeiro se reúnem em três áreas, a primeira que é a área específica da enfermagem, busca assistir o ser humano no atendimento de suas necessidades básicas e ensinar-lhe o autocuidado; a segunda é área de interdependência com a equipe de saúde nos aspectos de manutenção, promoção e recuperação da saúde e a terceira e última, a área social

*Oradora da Turma

nas funções de ensino, pesquisa, administração, responsabilidade legal e participação na Associação de Classe.

E o que representa tornar-se Enfermeiro, após quatro anos de luta intensiva com uma carga horária mínima de 36 horas semanais de compromisso com a Escola de Enfermagem e mais outras tantas de trabalho para possibilitar nossa subsistência?

Durante este período recebemos estímulos de toda ordem que nos condicionam à auto-suficiência e auto-estima e que muitas vezes nos conduziram à insegurança e medo. Ensinaram-nos a ver um ser humano completo, a respeitar nosso paciente acima de tudo e até de nós mesmos com humildade e, principalmente, paciência. Pergunto-lhes: onde ficou a nossa própria visão biopsicossocial e espiritual?

Hoje, deixamos de ser somente alunas e tornamo-nos profissionais, assumindo um compromisso através do juramento e a realidade ao deixarmos a Faculdade implica em nos depararmos atualmente com as lutas empreendidas pela nossa classe. Enfrentamos várias dificuldades de ordem profissional, desde as longas jornadas de trabalho, inexistência de piso salarial, baixo salário comparado aos de outros profissionais do mesmo nível, e pouco conhecimento da profissão pela comunidade. Além disso, nossa organização política é frágil e quase sem autonomia, pois a própria Associação Brasileira de Enfermagem, órgão de representação maior, serve muitas vezes apenas para difundir e vincular os interesses do Estado.

E o mercado de trabalho? O que ele quer de nós e o que podemos oferecer? Será que ainda existe mercado ou ele é um sonho que bem poucos conheceram no passado?

Sem dúvida, esses fatos nos deixam confusas e assustadas mas há uma realidade inegável, somos formandas. Todas passamos por situações difíceis, engraçadas, recompensadoras, e existe uma história em comum, que nos torna em certo sentido unidas e cúmplices, esta história da qual tiraremos o impulso que nos levará para frente, para fazermos a nossa história individual e única.

E que profissional é este que se forma hoje, aqui?

É um profissional que vai trabalhar com pessoas que não o conhecem, que não sabem exatamente para que ele serve, e o importante agora, é mostrar com muita responsabilidade que o enfermeiro existe, que tem uma formação diferenciada e que se é visto como um "Profissional de Luxo" é porque neste momento a saúde é um luxo em nosso País.

Diante dessa verdade é imprescindível que o enfermeiro se posicione como classe organizada, abandonando uma posição passiva e de

espera, para que o seu trabalho seja divulgado através da competência, segurança e capacidade para exercer suas funções.

Aprendemos a respeitar as pessoas, aprendemos a vê-las na sua individualidade, aprendemos que devemos ajudá-las e, só em último caso fazer por elas. Todo este aprendizado nos leva a uma postura frente ao ser humano, que é nosso objeto de trabalho muito especial e ao qual nos Enfermeiros também fazemos parte.